



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 10 – Nº 22 - Julho - Dezembro 2015

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

**TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA:
A contextualização da Escola Pública**

Autores:

Andréia Piana¹

Ivan Carlos Bagnara²

¹ Licenciada em Educação Física. cursando Especialização em Fisiologia do Exercício, Prescrição do Exercício Físico e Treinamento Desportivo - Faculdades IDEAU. São Domingos, s/n. Sananduva – RS. Cep: 99840-000. andrea_piana@hotmail.com

² Doutorando em Educação nas Ciências – UNIJUI. Mestre em Educação e professor no curso de Licenciatura em Educação Física das Faculdades IDEAU.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

A contextualização da Escola Pública

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem (ANDRADE, 1992, p.461).

Resumo: O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) afeta entre três a sete por cento de crianças em idade escolar no mundo, ou seja, mais de dois milhões de estudantes. A atenção a estes estudantes constitui um desafio pedagógico, pois demandam dos agentes educativos ações diferenciadas em prol do pleno desenvolvimento de suas personalidades. Nesse sentido, buscou-se com este estudo, um aprofundamento quanto ao tema, principalmente no que concerne à contextualização do mesmo na intervenção pedagógica dos professores de Educação Física. De caráter qualitativo, a investigação serviu-se de dados produzidos por meio de uma entrevista semiestruturada respondida por sete professores que atuam com Educação Física no Ensino Fundamental na cidade de Sananduva, RS, além de observações diretas de aulas de Educação Física. Para a compreensão desses dados, empregou-se o método de análise de conteúdo, proposto por Navarro e Díaz (1994). Os resultados encontrados mostram que os professores entrevistados não souberam definir claramente o que seria o transtorno, implicando na possível não identificação do TDAH e suas peculiaridades, e conseqüentemente não utilizavam metodologias específicas para incluir esses estudantes. Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de preparação e capacitação dos professores de Educação Física para uma adequada intervenção pedagógica no sentido de auxiliar a potencializar o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e afetivo desses estudantes para muito além da escola, ou seja, para a convivência na sociedade durante toda a vida.

Palavras-chave: Educação física escolar. TDAH. Intervenção pedagógica. Inclusão.

ATTENTION DEFICIT DISORDER AND HYPERACTIVITY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES:

Public School contextualization

Abstract: The Deficit Disorder Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) affects three to seven percent of school-age children in the world, that is, more than two million students. Attention to these students is a pedagogical challenge, as they demand of educational agents differentiated actions for full development of their personalities. In this sense, we sought with this study, a deepening on the subject, especially with regard to the context of the same pedagogical intervention in the Physical Education teachers. Of qualitative character, the research made use of data produced through a semi-structured interview answered by seven teachers who work with physical education in elementary school in the city of Sananduva, RS, beside direct observations of physical education classes. To understand these data, we used content analysis method proposed by Navarro and Diaz (1994). The results show that the teachers interviewed did not know clearly define what would be the disorder, leading to the possible non-identification of ADHD and its peculiarities, and consequently did not use specific methodologies to include these students. Thus, it becomes evident the need for preparation and training of physical education teachers for appropriate educational intervention to help enhance the psychomotor, cognitive and emotional development of these students well beyond the school, that is, for coexistence in society throughout their lives.

Keywords: Physical education. ADHD. Pedagogical intervention. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno que se manifesta geralmente na infância e que transcorre muitas vezes despercebido pelos olhares dos pais. É a partir da entrada da criança na escola que se começa a ter maior consciência do problema, principalmente em situações que exigem a atividade mental prolongada. A criança hiperativa que passa a estar inserida em uma instituição de ensino precisa aprender a lidar com as regras, a estrutura e os limites de uma educação organizada, e seu temperamento simplesmente não se ajusta muito bem com as expectativas da escola. Nesses casos e em diversos outros, o papel da escola é muito importante para o desenvolvimento global do estudante com TDAH (AQUINO e NAPOLE, 2008).

De acordo com pesquisas realizadas por Rodhe (2008), existe um grande número de crianças diagnosticadas com TDAH nas instituições de ensino, totalizando em torno de 3% a 6% da população entre 7 a 14 anos. O transtorno caracteriza-se pela manifestação de diversos sintomas, de forma intensa e persistente. São eles: o déficit de atenção, a impulsividade e a hiperatividade, que ocasionam um significativo impacto no convívio familiar e social da criança, além de um declínio no rendimento escolar, no desenvolvimento emocional e em sua própria autoestima.

Devido ao aumento significativo da presença do TDAH nas escolas, ele tem sido o foco das atenções de pais e educadores. Psicólogos, psiquiatras e neurologistas especializam-se cada vez mais no tratamento e prevenção desse transtorno. Indicam-se remédios e psicoterapias, orientam-se pais e professores, acompanha-se o desenvolvimento da criança e tratam-se as comorbidades. Os casos parecem aumentar dia-a-dia, tomando conta de nossa cultura (BARKLEY, 2002).

Diante disso, podemos pressupor que a escola, enquanto instituição educacional e na sua totalidade, precisa se transformar, abrir-se e reconstruir-se para abranger todas as diferenças. É necessária uma mudança de postura, ancorar-se em conhecimento científico, buscar novas metodologias de ensino que venham ao encontro das necessidades dos estudantes, como também conhecer e valorizar a realidade de cada um.

A tradição escolar, em diversos contextos, sugere que uma parcela considerável de professores poderia não estar preparada suficientemente para trabalhar com crianças que apresentam TDAH. Devido a isso, muitas vezes acabam rotulando-as como desobedientes e indisciplinadas, não buscando informações, formação e conhecimento adequado para auxiliar na intervenção pedagógica com tais estudantes. Um professor de Educação Física preparado

para atender crianças com TDAH poderia, em suas aulas, proporcionar aos estudantes, atividades que visassem atenuar esse transtorno e diminuir o sofrimento dos mesmos e até mesmo de seus pais, que, geralmente acabam sofrendo consideravelmente por não conseguirem dar conta de auxiliar seus filhos nessa fervorosa tarefa chamada educação escolar.

Poeta e Neto (2005) relatam que a falta de informações sobre esse assunto, frequentemente gera muitas atitudes insensatas por parte dos profissionais que trabalham com estudantes que apresentam TDAH na escola. Até mesmo em casa, o indivíduo que tem esse transtorno também sofre, pois os pais não sabem por que a criança se comporta daquela maneira, e em vez de ajudarem, acabam prejudicando-a, muitas vezes referindo-se a ela como preguiçosa ou desobediente.

Com base nos indicadores apresentados, buscou-se com este estudo, um aprofundamento quanto ao tema, principalmente no que concerne à contextualização da intervenção pedagógica dos professores de Educação Física que atuam com o Ensino Fundamental nas escolas públicas da cidade de Sananduva, RS. Educação Física, que, em outra instância tem passado por diversos processos de enfrentamento e tensionamento no que concerne à sua implementação no contexto escolar, mas, tal debate não terá centralidade neste estudo.

2 DECISÕES METODOLÓGICAS

De natureza qualitativa descritiva, a investigação serviu-se de dados produzidos por meio de uma entrevista semiestruturada respondida por sete professores que atuam no Ensino Fundamental na cidade de Sananduva, RS. Dos entrevistados, três atuam na rede municipal e quatro na estadual de ensino. Ainda, do total entrevistado, dois professores são do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Além da entrevista, solicitou-se autorização aos professores entrevistados para observar algumas de suas aulas objetivando compreender alguns pontos determinantes para que fossem atingidos os objetivos do estudo. A escolha das escolas e dos professores ocorreu através de amostragem por conveniência, onde foi possível ter maior acesso aos professores, e que, obviamente contavam com estudantes diagnosticados com TDAH.

Para possibilitar melhor compreensão, empregou-se o método de análise de conteúdo, sendo que os dados obtidos com a entrevista foram tratados da seguinte maneira e na ordem que se apresentam: a) unidades de registro claramente delimitadas e fáceis de

detectar; b) unidades de contexto, que fornecem o marco interpretativo; c) codificação, para contabilizar e relacionar as unidades de registro entre si até extrair algum significado; d) categorização, que consiste em abstrair semelhanças e diferenças significativas das unidades de registro; e) foco no nível semântico, significando que no texto podemos ver as pegadas que o sujeito deixou na superfície textual, permitindo a inferência de certas características suas (NAVARRO e DÍAZ, 1994).

O estudo seguiu todas as normas éticas para pesquisas envolvendo a participação de seres humanos. Além de que para participar do estudo, os docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e não receberam nenhuma forma de remuneração ou compensação para fazer parte da amostra deste.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de entrar diretamente na discussão e análise sobre os dados produzidos, neste tópico, mais diretamente relacionado com a contextualização do TDAH nas aulas de Educação Física, procurou-se descobrir qual a preparação dos professores desta respectiva disciplina em função dos estudantes que apresentam alguma necessidade especial (dentro das quais podemos incluir o TDAH). Conforme os dados, observou-se que três dos professores indagados participaram de atividades com finalidades formativas acerca do tema, porém, de forma mais generalizada, ainda na formação inicial (graduação). Apenas um dos professores entrevistados relatou que buscou capacitação pós formação inicial, e, que além desta, buscou conhecimentos também através da literatura específica, pois encontrou dificuldades em trabalhar com estudantes com TDAH.

Apesar de não ser um estudo quantitativo, um dado que merece destaque, está relacionado ao fato de que quatro, ou seja, mais da metade dos professores entrevistados afirmaram não ter nenhum tipo de formação, seja ela, inicial ou complementar, para atuar com estudantes que possuem necessidades especiais. Além de não participarem de cursos de formação continuada com esse propósito. Para Silva e Sousa (2005), este despreparo de educadores que não sabem lidar e orientar estudantes que apresentam maiores dificuldades, é devido ao fato de que não existem cursos, ou quando existem são muito restritos, que possam capacitá-los para o trabalho com essas crianças.

Porém, Araújo e Silva (2003), ressaltam algo que merece passar por um profundo processo de reflexão, pois afirmam que o desempenho escolar desses estudantes depende de

várias características, dentre elas a qualificação do professor. Nesse trabalho pode-se verificar que os docentes entrevistados não tiveram uma adequada preparação acadêmica em relação ao comprometimento com estudantes que possuem necessidade educacional especial em suas aulas, o que pode dificultar o processo de inclusão e aprendizagem desses estudantes.

Para Bagnara (2011) esse fator é preocupante, pois precisamos encontrar saídas e soluções para que os professores possam rever, refletir e debater sobre suas práticas pedagógicas com seus alunos, evitando dessa forma defasar seu trabalho docente ou ficar apoiados somente nos conhecimentos adquiridos durante a formação inicial, que em muitos casos se deu há muito tempo atrás.

Em tempos não tão distantes, a Educação Física não permitia que sujeitos deficientes físicos ou intelectuais, doentes, mulheres grávidas, idosos e outras pessoas com limitações pudessem aderir à prática exercícios físicos. E os meios de comunicação retratavam tais situações. Felizmente, na atualidade, verificou-se que esse contexto não cabe mais na Educação Física como um todo, tampouco na prática escolar; pelo contrário, a prática de exercícios físicos é cada dia mais incentivada e a procura por academias, clubes e pela ginástica aumentou significativamente. O doente muitas vezes obtém a desejada cura pela prática regular e sistemática de exercícios, e a expectativa de vida para pessoas ativas é consideravelmente maior que para os sedentários, além da melhora da qualidade de vida. A sociedade cada vez mais está se adequando a tais mudanças e necessita de serviços qualificados nesta área, que acompanhem essa nova e exigente demanda. Todos esses fatores refletem no público que frequenta a escola (BAGNARA, 2011). E, nesse sentido acrescenta-se, que, a situação retratada pelo autor num caráter de âmbito social, neste momento histórico, e, com o advento da política nacional inclusiva, adentra a instituição escolar com força, e, mais uma vez, há evidências de que os professores não estão preparados para intervir pedagogicamente no contexto.

Vê-se então a necessidade de capacitação de professores de Educação Física para dentre outras questões, desenvolver o trabalho docente com estudantes diagnosticados com TDAH. Os órgãos responsáveis por escolas públicas e particulares deveriam fornecer cursos, palestras, grupos de estudos, enfim, processos de formação continuada, para melhor entendimento e preparação do professor que irá lidar com esse tipo de problema em suas aulas.

Conforme Bagnara (2011), se poderia pensar que a formação profissional estaria encerrada no momento da conclusão do curso de graduação, ou, em muitos casos, após a participação em cursos de pós-graduação. Porém, o caminho para aquisição de conhecimento

é longo e não termina nessa fase, na verdade, acredita-se que o processo de ensino e aprendizagem no contexto educacional, seja para estudantes ou professores, não possui um fim, apenas se vai ultrapassando etapas, e o professor precisa cada vez mais estar preparado para auxiliar os estudantes em sua diversidade. Tal preparação pode ser realizada por meio de formações continuadas, de discussões, pesquisas, dentre outros. Dessa forma, acreditamos que o professor estará em melhores condições para desenvolver suas atividades profissionais com possibilidades maiores de solucionar e ultrapassar os possíveis obstáculos educacionais que possa encontrar pelo caminho.

Com relação à formação profissional, Betti traz algo de extrema importância, que nos motiva a refletir sobre o assunto:

O processo de formação profissional não termina na universidade. Uma profissão deve não apenas colocar em prática, de forma socialmente útil, os conhecimentos existentes, mas ser capaz de absorver novos conhecimentos, na medida em que se tornam disponíveis na disciplina acadêmica, modificando e aperfeiçoando sua prática (2011, p. 241).

Entrando em linhas finais acerca do debate sobre a formação docente, constatamos que a mesma deve ser desenvolvida numa perspectiva de continuidade, enfatizando aspectos que permitam ao professor superar os obstáculos inerentes à sua ação. Os professores, diariamente deparam-se com novos conhecimentos, novas descobertas tanto com relação ao desenvolvimento humano quanto à dinâmica social; cada vez mais as questões da escola se tornam emergentes, urgentes. Trata-se de dar sentido à formação, de maneira que permita ao professor lidar adequadamente com o contexto escolar, ao refletir sobre as questões reais, associadas a sua prática.

Após um breve debate acerca da formação inicial e profissional dos professores em relação aos estudantes que apresentam necessidades especiais, entraremos diretamente no assunto envolvendo os conceitos utilizados pelos professores de Educação Física para definir o TDAH. Tal situação estava, primeiramente, presente na questão dois da entrevista, que buscou investigar o grau de conhecimento que os professores de Educação Física da cidade de Sananduva apresentam em relação ao TDAH.

No que tange aos dados produzidos, todos os entrevistados, em algum momento, já ouviu falar algo referente ao TDAH, inclusive alguns dos docentes possuem conhecimentos específicos e aprofundados acerca do tema. Na pesquisa realizada com professores das escolas públicas de Sananduva, RS, os entrevistados um e dois relataram que o TDAH é um problema que interfere na atenção, concentração durante as atividades, agitação e dificuldades nas relações sociais. O professor cinco apontou ser um problema neurológico e acredita que vai

além de apenas comportamental ou social, pois os estudantes com TDAH não conseguem dominar seus atos. Os professores três e sete disseram ser uma “doença” que gera sintomas de hiperatividade sendo necessário tomar medicamentos e ser acompanhado de psicólogos ou psiquiatras. Já os professores, quatro e seis articularam que a hiperatividade é um problema que causa falta de concentração, dificuldades de ficar parado. Indisciplina mesmo. Agora o TDAH especificamente, não sabia afirmar realmente o que era.

Nesses discursos, as ideias sobre conceituação e as terminologias do TDAH não pareciam claras para os professores. Porém, ao relatarem o comportamento dos seus estudantes, descreviam condutas características desse transtorno. Isso é corroborado por um dos entrevistados, ao afirmar:

Para mim, TDAH é aquele aluno que não consegue obter atenção na sua aula, principalmente eu vejo desta forma na Educação Física. Chama a atenção dele e ele olha pra ti e quando você começa a explicar a atividade de novo ele já está correndo pela quadra, dando soco no colega, o que é muito comum em nossa realidade. Fora essa falta de atenção, ele não se socializa com os alunos, ele não interage, ele está toda hora se dispersando, está ali, daqui a pouco ele está lá no outro canto brincando, se distrai até com uma mosca que passa pelo ambiente. E tem aqueles também, que não participam da aula, e não adianta incentivá-los, ficam bem excluídos (ENTREVISTADO 3).

Nesse sentido, com base na fala do professor, colocam-se em pauta as reais limitações presentes no cotidiano da escola e no trabalho do professor. Para dar conta das exigências de renovação da escola e da necessidade de investir em um novo perfil de professor, o debate na educação se volta para os aspectos da intervenção pedagógica, com a finalidade de oferecer uma educação que corresponda às necessidades dos estudantes e que possibilite a melhoria do ensino público.

Segundo Silva e Sousa (2005) muitos professores desconhecem o TDAH, e com isso não compreendem o que acontece com seus estudantes. Nesse estudo, porém, ficou evidente que a maioria dos professores pesquisados, mostraram ter um conhecimento, pelo menos básico em relação ao assunto. Porém, existe uma diferença significativa em conhecer algo e intervir acerca “do algo”. Em outras palavras, no que concerne à Educação Física escolar, o que nos últimos anos tem se tornado a extensa discussão envolvendo a dicotomia teoria e prática.

Retornando à análise do conhecimento dos professores, alguns expuseram um conhecimento de cunho conceitual, apontando que o transtorno se origina de causas neurológicas e hereditárias acompanhado do trio de sintomas (desatenção, hiperatividade e impulsividade). Nesse sentido, Cauduro (2002), aponta que a hiperatividade infantil se

relaciona com deficiências perceptivas e com dificuldades para o aprendizado. Já para alguns especialistas, trata-se de uma síndrome (conjunto de sintomas característicos de uma doença determinada) que tem provavelmente uma origem biológica ligada a alteração no cérebro, causada por fatores hereditários ou como consequência de uma lesão.

Dessa forma, como a maioria dos entrevistados apontou ser apenas um problema comportamental, comprova-se assim a necessidade da qualificação desses professores em relação a estudantes com TDAH. Reforça Silva (2003, p.61) “quanto mais informações e educação acerca do transtorno, melhor para criança”.

Contudo, a esta pesquisa intensifica a ideia de que, segundo Loovis (2004), os professores de Educação Física não estão preparados para ajustar-se com a natureza e a magnitude dos problemas encontrados ao trabalhar com crianças que apresentam esse transtorno. Dessa forma podem sofrer frustrações, e conseqüentemente correr o risco de tomadas de decisões incorretas que em nada auxiliam na autorregulação do comportamento da criança. Vamos expressar a fala de um dos entrevistados para elucidar melhor o sentimento com relação a isso.

Me diz uma coisa? Como eu faço para que o estudante participe mais das atividades? Ele só fica atrapalhando a turma. Já o coloquei em diferentes grupos e ele continua a não fazer. Não sei mais como ajudá-lo. Como minha formação ocorreu a mais de 30 anos, não tive conhecimento na graduação sobre TDAH, e atualmente este assunto está em alta, pois diversos alunos apresentam esse transtorno. Mas até agora não ouvi falar em nenhum curso que nos ajude a aprender a lidar com esses alunos, pelo menos aqui nessa região (ENTREVISTADO 2).

Como bem relataram os professores, observou-se que a formação continuada e a disponibilidade de cursos, com relação às informações sobre a educação de estudantes com necessidades educacionais especiais, especificamente com TDAH é escassa. Por outro lado, destaca-se que a proposta de inclusão é bastante recente, assim como a discussão nos cursos de graduação sobre o processo de aprendizagem desses estudantes ou sobre o seu desenvolvimento, seus limites e suas potencialidades. Assim considera-se que o reconhecimento da necessidade de buscarem maiores informações pode representar um desafio para os docentes superarem as suas dificuldades, os seus preconceitos e sua falta de informação. Diante da realidade que se enfrenta, evidencia-se o comprometimento dos professores de estarem em constante formação, mantendo-se cientes dos atuais contextos presentes no ambiente escolar para poderem atender as reais necessidades dos estudantes, valorizando-os enquanto sujeitos que possuem experiência de vida e produzem conhecimento.

Após realizar a análise acerca do conhecimento dos professores em relação ao TDAH, serão analisados os dados que se referem ao diagnóstico do transtorno no ambiente escolar. Essa questão procurou investigar, dentre os professores que já tiveram casos de TDAH na instituição de ensino onde atuam, a forma de como o problema foi identificado. Na referida questão, o objetivo foi analisar se as escolas estão contribuindo para a obtenção do diagnóstico clínico da criança ao perceberem os sintomas de desatenção, impulsividade e hiperatividade e onde que o transtorno apareceu com maior intensidade para encaminhar o aluno para o possível diagnóstico ou se isso tem ocorrido de outras formas.

Como relatado anteriormente, o TDAH é um transtorno que se manifesta geralmente na infância e que transcorre muitas vezes despercebido pelos olhares dos pais. É a partir da entrada da criança na escola que se passa a ter maior consciência do problema, principalmente em situações que exigem a atividade mental prolongada. A criança hiperativa que agora está inserida no jardim de infância precisa aprender a lidar com as regras, a estrutura e os limites de uma educação organizada, e seu temperamento simplesmente não se ajusta muito bem com as expectativas da escola. Nesses casos e em diversos outros, o papel da escola é muito importante para o desenvolvimento global do aluno com TDAH (AQUINO E NAPOLE, 2008).

Sobre isso, pode-se argumentar que nas escolas públicas de Sananduva os resultados mostraram-se preocupantes, pois a maioria das respostas dos entrevistados apontou que os docentes “apenas desconfiaram”, que o aluno possuía TDAH mas não adotaram iniciativas para que ocorresse um diagnóstico concreto. Estes números revelam que as escolas não estão dando o suporte ou atenção necessária para este tipo de problema.

Segundo Barkley (2002), a escola deve ser adaptada para receber a criança com TDAH. E, nessa mesma linha, Ferreira (2008) afirma que o papel das instituições de ensino é muito importante para o desenvolvimento do aluno com TDAH, mas com frequência, estes ambientes não estão preparados para receber estes estudantes. Ainda enfatiza que:

A identificação e a intervenção precoces promovem a minimização do impacto negativo que esse transtorno traz à vida da criança, da família, de seus professores, diminuindo as consequências emocionais negativas, as dificuldades acadêmicas, a baixa autoestima, o risco de acidentes, o risco de uso de drogas e a má adaptação social (FERREIRA, 2008, p. 17).

Desta forma, a escola, enquanto principal agente educativo encarregado da missão de formar as novas gerações, vem se empenhando em dar um tratamento adequado a esses estudantes, membros de uma comunidade educativa cada vez mais permeada pela diversidade.

Outra situação exposta pelos entrevistados é de que o aluno com TDAH já foi matriculado com o diagnóstico, o que na verdade foi relatado por um dos entrevistados, e outros dois entrevistados apontaram que o problema foi identificado por professores de sala de aula, talvez porque na sala de aula os sintomas possam ser mais acentuados. Na perspectiva da identificação do TDAH por parte dos professores de sala de aula, Silva (2005, p.62), afirma que:

[...] a criança com TDAH poderá apresentar baixo desempenho escolar destacando a falta de atenção, que faz com que a criança pareça estar no “mundo da lua”. Isso leva a não realização dos deveres pedidos pela professora, dificulta que ela fique sentada quieta em sua carteira, converse muito com seus colegas e não consiga manter seu material organizado.

Além disso, outros entrevistados relataram que o TDAH foi identificado em conjunto: entre pais e professores. De acordo com Benczik e Rohde (1999), para existir o TDAH, é necessário que alguns sintomas já estejam presentes antes dos sete anos de idade e já causem dificuldades para as crianças; no entanto, torna-se indispensável à observação de pais e professores em relação ao histórico comportamental de seu filho ou aluno. Dessa forma, através da realização do trabalho em conjunto, poderá ocorrer a identificação do transtorno e posteriormente um encaminhamento da criança para um profissional que possa realizar o diagnóstico correto.

Ainda de acordo com os autores supracitados, a intervenção escolar também é necessária em alguns casos, podendo ser um facilitador no convívio social e aumentando o interesse pela escola. Sendo assim, viu-se a importância da intervenção pedagógica com esses estudantes para encaminhá-los ao possível diagnóstico, para que o transtorno não fique apenas como desconfiança ou “rotulações” de estudantes que apresentam comportamentos considerados “anormais”.

Segundo Sasaki (2006), as famílias vivenciam momentos de crise ao lidar com a presença de um filho que é diferente em seu padrão de desenvolvimento e conduta, e para o qual são necessárias expectativas e objetivos divergentes dos valores sociais. Nessa mesma perspectiva Barkley (2002), ao realizar estudos com familiares de crianças com TDAH, evidenciou que frequentemente os pais se sentem frustrados, culpados pelo problema do filho. Os conflitos entre irmãos também é outro desafio, assim como o momento de impor limites. Estabelecer limites acaba gerando momentos de tensões, pois essa questão é uma crise geral com a qual nossa sociedade se depara. Como alguns pais foram criados no regime autoritário, acabam por decidir fazer o inverso com seus filhos. Ressalta-se que os pais devem ter claro o

quanto os limites são necessários para qualquer criança, bem como fazer parte de sua educação e formação ética. Portanto os limites devem ser colocados de forma clara e regularmente para que a criança entenda que viver em grupo pressupõe algumas regras em prol de uma boa convivência.

Dessa forma, a participação dos pais no cotidiano escolar é de fundamental importância porque possibilita o conhecimento a cerca do aluno, tanto por parte do professor como dos pais que ficam a par do que seu filho está realizando na escola. Isso nos mostra que a troca constante de conhecimentos entre a escola e a família possibilita ao professor conhecer melhor o aluno e diante dessas informações, pensar em estratégias que possam oferecer melhorias no processo de aprendizagem do estudante.

Com a minoria das respostas ficou a opção de que o TDAH foi identificado por professores de Educação Física, sendo respondido por apenas um professor. Estes números sugerem que a identificação do transtorno pode ter sido menor nas aulas de Educação Física talvez pelo fato dos sintomas serem mais acentuados em sala de aula, ou então, pelo fato de que os professores não possuem conhecimento adequado para identificar os sintomas do TDAH. Ainda, no caso específico deste estudo, como os entrevistados atuam no Ensino Fundamental como um todo, teoricamente, para os professores que atuam somente nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a identificação do TDAH poderia e deveria ter ocorrido em idades anteriores.

Silva (2005), ressalta que estudantes com TDAH apresentam dificuldades de aprender regras e são impacientes em atividades de revezamento. Em alguns casos podem atropelar atividades de determinados grupos com gestos bruscos, querem dominar as brincadeiras e impor regras, podem não querer parar de brincar quando os colegas já estão exaustos ou até mesmo parar de brincar repentinamente, de uma atividade que tanto insistiram para participar. Nesse caso, o professor de Educação Física poderia ficar atento aos sinais como os apresentados, que, obviamente não permitem diagnosticar o TDAH, mas, poderia criar uma suspeita acerca do mesmo.

Nesse sentido, pode-se considerar que o aluno com TDAH, que apresente sintomas como desatenção, impulsividade e hiperatividade, dificilmente passaria despercebido nas aulas de Educação Física. Acreditamos que cabe ao professor identificar os problemas mais evidentes de seus alunos, de modo que possa incluir em seu planejamento métodos que auxiliem no desenvolvimento dos mesmos, promovendo uma aula o mais inclusiva possível.

A partir deste ponto, ainda tentando compreender as possíveis formas pelas quais o TDAH pode ser identificado, vamos continuar a discussão acerca do conhecimento dos

professores de Educação Física diante do TDAH. Desta vez, os mesmos foram indagados, com o objetivo de avaliar de acordo com suas respectivas experiências, se em relação a prevalência, observam que o TDAH costuma ser identificado geralmente no sexo masculino ou feminino. Sabe-se que muitas vezes o grau de conhecimento de cada professor vinculado ao tema exposto pode variar, podendo assim originar respostas distintas. Porém, sentiu-se a necessidade de compreender tal fenômeno dentro das escolas sananduvenses, a fim de atingir os objetivos para os quais nos propusemos no início deste estudo.

Com o levantamento de dados percebeu-se que todos os professores entrevistados afirmaram que o TDAH geralmente se manifesta nos meninos. Tal afirmação pode ser mais bem compreendida com a citação de partes das transcrições das entrevistas dos professores:

Na minha opinião o TDAH é mais comum entre os meninos pois aqui na escola onde trabalho são eles que costumam não parar quietos, pedem para ir ao banheiro o tempo todo, puxam conversa com os colegas que estão do lado, não prestam atenção na explicação da atividade e depois não sabem as regras do jogo (ENTREVISTADO 4).

Olha, aqui na minha escola tem meninos e também com diagnóstico de TDAH, mas o número de meninos é superior (ENTREVISTADO 7).

Assim como foi relatado pelos professores, realmente o TDAH ocorre com maior frequência em indivíduos do gênero masculino. Segundo Gentile (2000) “pela alta incidência em meninos, cerca de 80% dos casos, acredita-se que o problema possa estar relacionado também ao hormônio masculino testosterona”. No menino o transtorno se torna mais explícito, pois apresentam maiores características de impulsividade e hiperatividade. Já o contrário ocorre com o gênero feminino, como aponta Silva (2003):

Diferentemente dos homens, as mulheres com TDAH podem muitas vezes passar incógnitas aos olhos mais atentos. Entre elas, predomina o tipo sem hiperatividade, ao contrário de seus pares masculinos. Tal diferença é determinada por particularidades biológicas dos sexos, além do auxílio do componente cultural (SILVA, 2003, p. 39).

Nesse sentido, Araújo (2003) ressalta que a prevalência apresenta variações de acordo com o local ou faixa etária que for analisado, além de ser influenciada também pela realidade de cada lugar, ou de cada grupo.

Benczik e Rohde (1999) defendem a ideia de que antigamente acreditava-se que para cada menina com TDAH existiam quatro meninos diagnosticados. Esse conceito baseava-se nos estudos realizados a serviço da saúde mental. A explicação para essa diferença existente em pesquisas mais antigas, é recente e simples: meninas tendem a apresentar TDAH com predomínio do sintoma de desatenção, portanto incomodam menos tanto na escola como em

casa, se comparadas com os meninos. Dessa forma, muitas vezes o transtorno passa despercebido no sexo feminino, gerando consequências irreparáveis para o envolvido. Sobre isso, citamos Smith e Strick (2001, p. 38) que afirmam:

As meninas que apresentam TDAH podem ser chamadas de “a minoria silenciosa”: elas compartilham o risco para o desenvolvimento de problemas escolares e sociais, mas, já que não chamam a atenção para si mesmas, estão em risco adicional por não obterem o auxílio necessário.

Deve-se considerar, que isso não quer dizer que meninas não sejam hiperativas ou impulsivas. No caso das meninas com essas características, observa-se normalmente o desinteresse em brincar de boneca ou de casinha, ocorrendo preferência pela prática do futebol junto com os meninos, pois seus estímulos são muito acelerados e as brincadeiras com colegas do mesmo sexo dificilmente chamará sua atenção (SILVA, 2003).

Nesta mesma perspectiva, o autor supracitado aponta que meninas com TDAH do tipo hiperativo/impulsivo passam por sérias dificuldades de relacionamento em seu meio social já que se espera que mulheres e meninas sejam delicadas, organizadas e calmas. Mas no caso da menina com TDAH o contexto torna-se diferente do esperado, ela mostrará ser explicitamente ao contrário do que se almeja para uma “figura feminina” da sociedade, podendo desenvolver baixa autoestima, por ser sempre lembrada devido a sua falta de organização, sua falta de modos e de capricho.

Em decorrência dessa situação, torna-se angustiante sua aceitação em meio a outras meninas, por motivo de apresentar diferenças psicológicas, além da sua falta de interesse por jogos e brincadeiras socialmente idealizadas para meninas. Em alguns casos sofrem com apelidos pejorativos como “Joãozinho”, “Molequinho”, “Machona” e outros do gênero, passando assim por maldosas rotulações em seu grupo social (SILVA, 2003).

Dessa forma, pode-se concluir que os casos de diagnóstico de TDAH não são restritos a uma determinada cultura, por motivo de existir a perspectiva do mesmo ser encontrado em qualquer sociedade. Além disso, as pesquisas evidenciam uma maior incidência na infância (início antes dos 7 anos de idade). Porém, conforme aponta Genes (2003), se não tratada ainda na infância, ao chegar à vida adulta, esta criança apresenta 50% de probabilidade de continuar a apresentar o quadro de sintomas do TDAH, acompanhando a pessoa no decorrer de sua vida, interferindo na realização de suas atividades rotineiras e consequentemente dificultando a introdução do indivíduo na respectiva sociedade em que se encontra inserido.

De forma crítica e amparados na reflexão de Genes (2003), nos deparamos com a necessidade de se atuar adequadamente com crianças diagnosticadas com o transtorno e isso repercute a importância do conhecimento do professor de Educação Física com relação ao TDAH, permitindo ao mesmo traçar estratégias pedagógicas corretas em suas aulas, promovendo além do aprimoramento dos aspectos motores, elevação da autoestima e autoconfiança do estudante, melhorando conseqüentemente a sua qualidade de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto do texto, torna-se necessário apresentar algumas conclusões ou considerações que finalizam *à priori* o conhecimento que foi adquirido a partir dos diálogos, cujos tópicos discutidos levaram a compreensão de como os professores de Educação Física pensam e agem em sua prática pedagógica com os estudantes que apresentam TDAH. Obviamente, no âmbito deste artigo, a proposta foi de contextualizar o TDAH nas aulas de Educação Física na cidade de Sananduva, RS, e, tomando o mesmo como uma espécie de pano de fundo, avançar em novas discussões, reflexões e enfrentamentos acerca não somente do TDAH, mas também, de outros aspectos que necessitam no mínimo de um olhar diferenciado por parte do professor, seja ele de Educação Física ou qualquer outra disciplina.

Baseados na busca teórica realizada para o desenvolvimento deste estudo, pode-se destacar que o TDAH pode ser considerado um transtorno neurológico que compromete a vida social e escolar de uma parcela considerável de crianças. Portanto, torna-se necessária a atenção às suas necessidades educacionais básicas, bem como à criação de ambientes e estratégias de ensino adequadas que favoreçam a inclusão escolar. A partir do momento em que as instituições de ensino assumem a responsabilidade de receber esses estudantes considerados “especiais” é necessário que se adaptem a eles, e tornem o ambiente facilitador para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem desses estudantes.

A falta de conhecimento dos professores em relação a essas necessidades educacionais especiais pode ser um fator muito prejudicial na formação acadêmica e social dessas crianças, ocasionando prejuízos irreparáveis tanto na aprendizagem como também na autoestima e interação social. Dessa forma, o papel do professor no desenvolvimento desses estudantes torna-se fundamental. No momento em que o educador assume o compromisso de contribuir para a formação humana poderá favorecer o tratamento do aluno com TDAH, tanto no interior da escola como também fora dela. Porém, é necessário destacar que o inverso

também pode acontecer, ou seja, uma intervenção inadequada poderá, além de não auxiliar, potencializar os efeitos indesejáveis do TDAH.

Ficou claro, através da pesquisa com professores de Educação Física, que muitos deles admitem não estarem preparados para desenvolverem o trabalho junto com seus estudantes, especificamente quando se trata de estudantes com TDAH, considerando a fragilidade de sua formação inicial diante da diversidade de exigências dos estudantes. Os educadores reclamam da falta de informações em seus respectivos cursos de graduação sobre a prática pedagógica relacionada aos estudantes com necessidades educacionais especiais fazendo com que os mesmos sintam-se despreparados e inseguros. Desse modo, sustentam a ideia de que não estão capacitados ou preparados para atender a demanda de alunos.

De certa forma, é preciso concordar com os professores, pois são escassos os cursos de graduação que trazem uma disciplina introdutória sobre a educação especial, embora existam outros cursos que já evoluíram muito nesse sentido, oferecendo disciplinas direcionadas a prática pedagógica para estudantes com determinadas deficiências (auditiva, visual, intelectual, física), além de conteúdos introdutórios ao ensino de Libras, porém, no que concerne à estudantes com TDAH por exemplo, parece que há certa distância.

Diante dessa realidade, pode-se dizer que é preciso maior atenção e preparação dos professores de Educação Física, já que nem todas as Instituições de Ensino Superior oferecem disciplinas que os preparam durante a formação. Destacamos a necessidade de capacitação dos professores de Educação Física, seja em cursos preparatórios, palestras, grupos de estudos ou até mesmo na leitura da literatura impressa ou digital, disponível atualmente.

É importante destacar também que o professor, independentemente da disciplina em que atue, deve ser um permanente pesquisador, estar sempre em busca de atualidades e novos conhecimentos para melhorar as estratégias metodológicas de suas aulas, para que dessa forma possa se adequar a diversidade de alunos presentes no ambiente escolar. E, torna-se necessário acrescentar: o professor é o grande “possibilitador/facilitador” dessa melhoria na qualidade educacional, apesar de todos os problemas que a instituição escolar enfrenta atualmente, como por exemplo: sucateamento estrutural e pedagógico, baixo *status* da “profissão” docente, abandono por parte das mantenedoras, baixos salários, e quem sabe o principal deles para muitos que é a falta de reconhecimento social.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, J. N.; NAPOLE, N. **TDAH na escola: conhecimento e atuação do professor de Educação Física.** 2008. 87 fs. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Educação Física) – Universidade de Sorocaba, Academia de Ensino Superior, Sorocaba, 2008.
- ARAÚJO, M. SILVA, S. A. P. S. **Comportamentos indicativos do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças: alerta para pais e professores.** 2003. Disponível: <<http://www.efdeportes.com/efd62/atencao.htm>>. Acesso em 10 de abr. de 2013.
- BAGNARA, Ivan Carlos. **Abordagens pedagógicas da educação física nas escolas públicas de Erechim, RS.** 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2011.
- BARKLEY, Russel A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: guia completo para os pais, professores e profissionais da saúde.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BENCKZIK, E.B.P; ROHDE, L.A.P. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BETTI, Mauro. **Perspectivas na formação profissional.** In: GEBARA, Ademir et al. *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI.* 17 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011. p 239-254.
- CAUDURO, Maria Teresa. **Motor -- motricidade -- psicomotricidade: como entender?** Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2002.
- FERREIRA, C. **TDAH na infância: Transtorno do Déficit de Atenção/hiperatividade. Orientações e técnicas facilitadoras.** Belo Horizonte: Uni duni; 2008.
- GENES, M. Transtorno de Déficit de atenção com hiperatividade. **Revista Simpro-Rio.** 2003 Disponível em: <http://sinpro-rio.org.br/pdfs/revistas/revista6.pdf#page=34>. Acesso em 20 set.2013.
- GENTILE, P. **Indisciplinado ou Hiperativo?** Revista Nova Escola. Maio, 2000. Disponível em: http://novaescola.abril.com.br/ed/132_mai00/html/hiperativ.htm Acesso em: 10 out 2013.
- LOOVIS, E.M. Distúrbios Comportamentais In. WINNICK, J. **Educação Física e Esportes adaptados.** São Paulo: Manole, 2004.
- NAVARRO, Pablo; DÍAZ, Capitolina. **Análises de contenido.** In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRREZ, Juan. Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciências sociales.
- POETA, Lisiane S.; NETO, Francisco Rosa. Intervenção motora em uma criança com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH). **Efdeportes.com** – Revista Digital. 2005.
- ROHDE, L. A. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** Porto Alegre. Artmed, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SILVA, R.A. SOUSA, L.A.P. **Aspectos lingüísticos e sociais relacionados ao Transtorno de Déficit de Atenção/hiperatividade**.2005. Disponível em:
<http://www.revistacefac.com.br/revista73/artigo%201.pdf> . Acesso em: 25 set. de 2013

SILVA, A.B.B. **Mentes Inquietas**. 14. ed. São Paulo: Gente, 2003.

SILVA, Monica Telli Moreno da. **A contribuição do esporte para a inclusão social de jovens**.2009. 109f. Dissertação (Centro de ciências humanas e sociais)- Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2009.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.